

Revisitando Aristóteles: Educação, Eudaimonia, Arte e Política



10.56238/sevedi76016-034

Palavras-chave: Ensino de Arte, Eudaimonia, Pensamento Aristotélico, Prática pedagógica.

Márlon Souza Vieira

RESUMO

Neste trabalho, propõe-se investigar como a Arte pode ser importante para levar àqueles que com ela se relacionam a viverem em estado de plenitude. O objetivo perpassa por conhecer as ideias filosóficas de Platão e Aristóteles relacionando-as à Arte, considerando, principalmente, o conceito de Eudaimonia. Da mesma forma, intenciona-se pensar como tal conceito pode transformar aulas de artes levando alunos a compreensão daquilo que pode ser considerado belo, validando as ações experienciadas pelo educando em sala de aula. Para contribuir com a significação dos dados, utilizou-se como aporte experiência com os alunos da Escola Técnica Pandiá Calógeras - ETPC, da Companhia Siderúrgica Nacional - CSN, uma escola particular de Volta Redonda, localizado na região Sul-Fluminense. Por fim, reflete-se sobre práticas possíveis para a sala de aula que possam provocar experiências significativas para a integralidade do ser, entendendo a Eudaimonia como processo pelo qual a vida é boa quando ajustada ao todo por si mesma, colaborando com a construção de uma educação com criticidade, autonomia e emancipação.

ABSTRACT

In this work, we propose to investigate how Art can be important to lead those who relate to it to live in a state of plenitude. The objective is to know the philosophical ideas of Plato and Aristotle relating them to Art, considering, mainly, the concept of Eudaimonia. In the same way, we intend to think how this concept can transform art classes, leading students to understand what can be considered beautiful, validating the actions experienced by the students in the classroom. To contribute to the significance of the data, we used as a contribution the experience with students from the Escola Técnica Pandiá Calógeras - ETPC, of the Companhia Siderúrgica Nacional - CSN, a private school in Volta Redonda, located in the Sul-Fluminense region. Finally, we reflect on possible practices for the classroom that can provoke significant experiences for the integrality of the being, understanding Eudaimonia as a process by which life is good when adjusted to the whole by itself, collaborating with the construction of an education with criticality, autonomy, and emancipation.

Keywords: Art Teaching, Eudaimonia, Aristotelian Thought, Pedagogical Practice.

1 INTRODUÇÃO

A filosofia antiga, fundamentada no modelo Grego de pensar, compreendeu, como uma das principais convicções do mundo antigo, que toda e qualquer beleza só é possível na natureza. Isso, definitivamente, marcou da história do pensamento do homem. Assim, o belo está na natureza e, uma obra de arte só pode ser bela, se imitá-la. A sustentação dessa afirmativa emana no pensamento mítico, momento anterior a história do pensamento filosófico.

Das possibilidades consideráveis para a explicação desse fenômeno, decidimos trazer aquela que mais nos aproxima: a *Teogonia* de Hesíodo. Como o próprio nome já sugere: *teo* = Deus; *gonia* = criação. Nela, Hesíodo descreve como se deu o advento dos deuses e, da mesma forma, como se estabeleceu a hierarquia entre eles: Zeus, após vencer conflito contra os *Titãs*, decidiu por “presentear” aqueles que com ele triunfaram. Para isso, reorganizou o mundo e distribuiu partes dele para seus irmãos e demais seres, com isso, a narrativa de Hesíodo concebe, além da formação organizada do panteão mitológico, a disposição coordenada do cosmos. Constata-se, desse modo, que é a partir de então que o mundo largou o *caos* e ingressou ao *cosmos*; o mundo que era caótico, passou a ser organizado.

Portanto, uma sólida convicção do pensamento antigo é que, se a natureza é bela, isto se dá devido a uma condição ordenada e cósmica que ela tem. Inclusive, até mesmo, os primeiros filósofos, já buscavam responder às questões sobre a organização cósmica.

Platão e Aristóteles são dois desses grandes nomes que se confundem com a própria história da filosofia antiga. Por meio deles, conceitos marcantes são estudados e analisados para a compreensão de questões que invadem a realidade dos dias atuais. Dentre essas, muitos estudam sistematicamente os elementos referentes a Estética e à Arte. Nossa proposta segue esse caminho, protagonizando o conceito de Eudaimonia a partir de Aristóteles.

Diferentemente de Platão, que encontrou na Arte um obstáculo para a concretização dos elementos relativos ao conhecimento, ao saber e à verdade; Aristóteles, mesmo sendo discípulo de Platão, direcionava suas reflexões em direção contrária. Para ele a Arte é o lugar do reconhecimento e da verdade. Se, para Platão, existia uma disputa imediata entre a Arte e a Filosofia, em que via a Arte como uma ameaça pelo modo operante e pelo como se estabelecia; Aristóteles tinha para si outra premissa consolidada: a beleza está na natureza e a obra de arte é a imitação dessa natureza. Platão percebia que os encantos artísticos devastam as fundamentais condições para a promoção e acesso ao conhecimento. Aristóteles foi além, utilizou do conceito de Eudaimonia para defender sua tese de que a Arte leva o ser a plenitude.

Eudaimonia é o processo pelo qual a vida é boa quando ajustada ao todo por si mesma, isto é, quando encontramos o nosso espaço e o papel que devemos desempenhar, conduzindo os modos de vida a sua sólida soberania e levando-a a valer a pena por ela mesma.

Para contribuir com as reflexões, utilizamos como subsidio experiência na Escola Técnica Pandiá Calógeras - ETPC, da Companhia Siderúrgica Nacional - CSN, uma escola particular de Volta Redonda, localizado na região Sul-Fluminense.

Pelo exposto, esse trabalho tem como objetivo principal conhecer os conceitos filosóficos de Aristóteles relacionados à Arte e à Arte Educação. Da mesma forma, refletir sobre práticas possíveis para a sala de aula que possam provocar experiências significativas para a integralidade do ser. Igualmente, contribuir com a compressão daquilo o que é considerado belo, possibilitando a criticidade e a autonomia da sociedade atual, potencializando assim, a função do artista para a ressignificação dos sentidos da vida.

2 ARTE E O PENSAMENTO CLÁSSICO, PLATÃO E ARISTÓTELES

Aristóteles historiou:

Todos os homens têm, por natureza, o desejo de conhecer. O prazer causado pelas sensações é a prova disso, pois, mesmo fora de qualquer utilidade, as sensações nos agradam por si mesmas e, mais do que todas as outras, as sensações visuais. (CHAUÍ, 2000, p. 146)

Fascinado pela movimentada vida cultural da Atenas do século IV, em que possibilidades para a continuidade nos estudos eram oportunizadas, Aristóteles, ainda jovem, chega da Macedônia e ingressa

na Academia de Platão, lugar de constante aprendizagem e dedicação aos estudos – que duraria cerca de vinte anos. Pessanha (1987, p. 11) afirma que “Aristóteles assumirá a atitude do homem de estudo, que se isola da cidade em pesquisas especulativas, fazendo da política um objeto de erudição e não uma ocasião para agir.”

Essas questões políticas foram fundamentais para conceber as experiências que ainda estariam por vir: sairia da Academia de Platão; se tornaria professor de Alexandre “O Grande”; fundaria o Liceu.

Finalmente, em 335/334 a.C., Aristóteles voltou para Atenas, alugando alguns prédios próprios próximos a um pequeno templo sagrado dedicado a Apolo Lício, de onde provem o nome de Liceu, dado à escola. [...] Foram esses os anos mais fecundos na produção de Aristóteles, [...] com a morte de Alexandre, houve uma forte reação antimacedônica, na qual Aristóteles foi envolvido, réu de ter sido mestre do grande soberano. (ANTISERI; REALE, 1990, p. 174-175)

Aristóteles escreveu tanto para o público comum quanto para os discípulos de sua escola. Muitos desses escritos para o grande público se perderam, já os direcionados aos seus discípulos – em que os temas filosóficos são mais recorrentes –, foram, moderadamente, mais conservados. Entre as obras que mais revisitadas, se destacam: *Metafísica*, a *Ética a Nicômaco*, a *Grande Ética*, *Ética a Eudêmio* e a *Política*. São em alguns desses textos que os alicerces sobre as reflexões acerca da compreensão a respeito do Belo podem ser encontrados.

Em a *Poética*, por exemplo, Aristóteles considera como deveria ser os meios de convivência social, sendo, segundo Santoro (2010, p.45) “sem dúvida, a obra teórica mais estudada de todos os tempos pela estética e pela filosofia da arte”.

No entanto, é na filosofia de Platão que a Arte e a beleza terão um primeiro momento de atenção, porém, Aristóteles será aquele que vai inaugurar um novo modelo de se pensar a estética. Segundo Rufino,

É da filosofia platônica que “decorre a identificação da arte com a beleza (...) quando esse filósofo funda sua teoria idealista a partir da concepção de um mundo suprasensível, e quando, posteriormente, tentará — a partir disso — construir aquilo que para ele se constitui como o Estado ideal. Não obstante, Platão criou uma tradição extensa de pensadores que extraditaram o feio do universo da arte. Desde então, somente na contemporaneidade a representação do feio tomou espaço legítimo na arte dividindo com igual dignidade do belo o status estético. Contudo, no entremeio desse processo, Aristóteles foi um marco na teoria estética, por inaugurar uma inovadora e por muitos séculos solitária concepção acerca da arte. (RUFINO, 2013, p. 4-5)

Com respeito à Arte, precisamos ressaltar que para o pensamento clássico, a compreensão de Arte alinhava-se diretamente com o conceito de *techné*, nesse sentido, a beleza se deslocava em movimento contrário, já que a necessidade da utilização por qualquer fazer técnico servia de prerrogativa para que a Arte se estabelecesse. Para Aristóteles, a Arte tratava-se de uma virtude intelectual em que a imitação não se separava do fazer e do saber. Com isso, Aristóteles defenderá a *mimesis*, isto é, a imitação, como peça fundamental da engrenagem de compreensão sobre o conceito de Arte.

Para Aristóteles, a imitação deve prezar pelo elemento da verossimilhança, porque ela garante que aquele que contempla a criação artística possa imergir plenamente no horizonte de sentido que ela propõe. (RUFINO, 2013, p. 23)

Com respeito a *mimesis*, esse conceito não se trata de uma inovação de Aristóteles, mas de uma concepção platônica. Para Platão, *mimesis* tem um sentido completamente contrário ao de Aristóteles.

A *mimesis* aristotélica é um contraponto à *mimesis* de Platão, não define o valor artístico mas o valor de verdade: se, para Platão, a imitação era o distanciamento da verdade e o lugar da falsidade e da ilusão, para Aristóteles, a imitação é o lugar da semelhança e da verossimilhança, o lugar do reconhecimento e da representação. (SANTORO, 2010, p.45)

Assim, fica evidente que Platão tinha suas ressalvas em relação à Arte e suas potencializações no cerne do seio social e nos modos de convivência. Platão encontrou na Arte um empecilho para a solidificação das questões referente ao conhecimento, ao saber e à verdade, ou seja, uma contenda imediata entre a Arte e a Filosofia (VIEIRA 2010). Percebeu também que a Arte era uma constante ameaça, isto, pelo modo operante em que esta foi concebida, visto ter verificado que os encantos artísticos devastavam as fundamentais condições para a promoção e acesso ao conhecimento.

Já para Aristóteles a Arte se revela de forma extraordinária nos levando a uma reflexão sobre a relação entre a criação da obra de Arte e a natureza daquilo o que é concreto.

Desse modo, pode-se aferir que para Aristóteles, a Arte provoca um interesse estético diferenciado, na proporção em que considera o processo formador da produção como agregado da construção humana, dado que, segundo ele, a Arte imita a vida.

3 EUDAIMONIA

É comum eudaimonia fazer referência à doutrina da felicidade para a vida. (MARCONDES, 2007). No entanto, para compreender com maiores detalhes a concepção de eudaimonia a partir de Aristóteles, inicialmente, precisa-se considerar que ele parte do mesmo princípio de Platão: a beleza está na natureza e, nesse contexto, a obra de arte é a imitação da natureza, apesar disso, haverá uma particularização de conceitos que confrontará as ideias de Platão. Num segundo momento, também necessita-se ponderar que apesar de o termo ter uma relação com as reflexões que abrangem a ética – palavra que deriva do grego *ethos*, que significa tradição, caráter e costume (FARIA, 1994) –, contempla também processos relacionados à Beleza e à Arte, na medida em que a beleza do mundo se revela, sobretudo, para os agentes contempladores, um instante de vida que vale por ele mesmo.

Aristóteles tinha como fundamento que, a vida para ser boa, deveria ser ajustada ao encaminhamento cósmico orientado, isto é, meios que levavam ao desempenhar de virtudes que procuravam cumprir a sua própria finalidade no mundo resultando na felicidade. Deste modo,

Todas as ações humanas visam uma finalidade com o propósito de obter um bem. Aristóteles considera o bem como uma finalidade própria do homem, que busca alcançar a felicidade (eudaimonía). (AMARAL; SILVA; GOMES, 2012, p.14)

Assim, a vida é hegemônica, quando se auto ajusta, se fazendo valer por ela mesma, ou seja, a vida que se exaure nela mesma o seu motivo de ser. Assim constata Amaral; Silva; Gomes,

A finalidade natural de todos os seres humanos, segundo Aristóteles, consiste em ter uma vida boa, justa e feliz. Partindo deste princípio, este filósofo propõe investigar qual é o fim ético que todo indivíduo aspira e quais caminhos ele deve trilhar em direção desta busca. (2012, p.14)

De igual modo, se reconhece que a beleza se estabelece quando nos admite, em sua simples contemplação, um momento eudaimônico existencial: a Obra de Arte é idealizada como virtude. Desse modo, uma ação habitual que busque dignidade conforme o exercício da razão, resulta em felicidade, a partir do seu próprio modo operante, em que a finalidade está explicada pelo seu próprio processo. Portanto, os fenômenos que envolvem a beleza tornam-se a tradução concreta da eudaimonia, na qualidade de norma moral de existência. Com isso, a finalidade da beleza encontra-se na fruição eudaimônica e, a obra de arte torna-se bela – desempenhando o seu desígnio –, quando admite um instante de contemplação eudaimônico.

Quando esse processo ocorre, os atos e as ações são relacionadas à mais pura ressignificação do prazer e da alegria, por aquilo que é experienciado na vitalidade do ser, potencializando energia para a própria essência. Assim, o mundo é belo, quando admite na sua mera contemplação, um momento eudaimônico de existência. Portanto, a finalidade da beleza está na fruição eudaimônica e a Arte, nesse contexto, cumpre a sua finalidade quando permite um instante de contemplação eudaimônica.

Desse modo, o artista passa a ser fundamental para a compreensão desse processo, visto que nos tira do particular e nos dá entendimento da ordem cósmica. Ao converter um objeto em obra de arte, o artista permite que possamos atribuir ao objeto algum sentido. Se antes não havia nenhum valor, ela agora poderá se tornar representatividade de elementos emocionais e sentimentais: alegria, paz, tristeza, passividade e outros mais. Assim, o artista permitirá que o mundo tenha sentido para as pessoas e para o particular, dando sentido àquilo que antes não tinha, promovendo a plenitude a partir da contemplação do belo.

Nesse contexto, olhando a perspectiva do Artista, diferentemente de Platão, Aristóteles designará ser de suma importância a participação do artista na *Polis*. O artista terá a responsabilidade de levar aos cidadãos a compreensão da ordem cósmica.

4 A IMPORTÂNCIA DA ARTE PARA O SER HUMANO

A transformação da humanidade em seu desenvolvimento sempre foi repleta de símbolos e signos que, com o aporte da dialogicidade das linguagens comunicativas, contribuiram para a construção dos diversos modos de vida. Segundo O`Connell; Airey (2010, p. 6), “Tanto os signos quanto os símbolos tornaram-se parte da identidade social e cultural do ser humano, modificando-se e evoluindo do mesmo modo que nós”. Nesse contexto, considera-se a Arte como elemento importante nesse processo, mesmo porque, sempre fez parte ativa na vida das pessoas. Ela associa-se às formas culturais desde a antiguidade, dando visibilidade aos processos de evolução da trajetória humana.

Ao longo dos séculos, a necessidade de encontrar formas de interação com o outro tem sido um estímulo significativo para o desenvolvimento da expressão humana. Os homens constroem representações e desenvolvem percepções segundo as possibilidades de seu contexto sócio-histórico. (LOURDES, 2002, p. 22)

Portanto, a relação com o outro estimula os processos criativos do ser resultando em experiências idiossincráticas. Também vale ressaltar que a Arte tem relação direta com as origens da humanidade. Com isso, através de simbolismos fenomenológicos e transcendentais, a Arte conduz o homem a um conhecimento que vai além de diferentes tempos e espaços, amparado na concretização de um sujeito histórico-artístico construído.

Pode-se dizer que isto iniciou na pré-história, quando pinturas rupestres se distinguiam pela lealdade à natureza, em que o homem a pintava do mesmo modo como a via. Surge então a figura do “pintor-caçador”, que ao reproduzir animais feridos nas paredes das cavernas, achavam que o sucesso na caça seria bem-sucedida, ou seja, um momento mágico do homem daquela sociedade. Posteriormente, em um período chamado Neolítico, o homem direciona a função de caçador para ser um agricultor. O plantio promoveu o advento das primeiras moradias e comunidades, e assim, os elementos mágicos ganham representações imagéticas próprias dos fazeres cotidianos. Lourdes afirma que,

Desde os primórdios da civilização, a imagem está presente na história como elemento mediador das interações humanas, às vezes com significado mágico ou transcendental. Essas imagens trazem em si configurações plásticas, cor, forma, dimensão, que ultrapassam a si mesmas, possibilitando a comunicação de emoções como medo, raiva, apreciação, força harmonia... Esse é o registro disponível do que, hoje, chamamos de arte. (LOURDES, 2002, p. 22).

Entende-se, desse modo, que a Arte se constitui por elementos específicos que possuem formatos distintos que potencializam as formas pelas quais o homem se solidifica. A Arte rompe as barreiras impeditivas para que percepções e sensibilidades fluam, colaborando para a integralidade do ser, portanto, mexe com os anseios das pessoas, levando-as a sentir, a relacionar, a pensar e a comunicar. Além disso, dependendo do contexto, a Arte quase sempre, reflete ferramenta disparadora para a construção e criação, contribuindo para a organização de capacidades, habilidades e aptidões. Igualmente, reflete-se que a Arte promove na pessoa motivação e experiências oportunas para expressar sentimentos. Dewey confere:

[...] a expressão do eu em e através de um meio, constituindo a obra de arte, é *em si* uma interação prolongada de algo proveniente do eu com as condições objetivas, processo em que ambos adquirem uma forma e uma ordem que de início não possuem. (DEWEY, 2010, p. 153)

Da mesma forma, a vida em sociedade e a identidade cultural mostra-se possíveis caminhos para a construção de momentos repletos de processos criativos. De igual modo, esses disparam experiências estéticas que se manifestam em momentos expressivos de valores culturais com significados próprios e multiplicadores.

A experiência estética é uma manifestação, um registro e uma celebração da vida de uma civilização, um meio para promover seu desenvolvimento, e também o juízo supremo sobre a qualidade dessa civilização. Isso porque, embora ela seja produzida e desfrutada por indivíduos, esses indivíduos são como são, no conteúdo de sua experiência, por causas das culturas de que participam. (DEWEY, 2010, p 551).

Outrossim, temos que a Arte promove uma experiência real e permite o desenvolvimento de sentimento de confiança em nossa capacidade inteligível, estética, de inter-relação pessoal e inserção social. Além do mais, proporciona a ampliação da sensibilidade, o desenvolvimento da percepção, da reflexão e da imaginação numa busca constante da criação, o que torna a Arte importante.

Para a busca da plenitude do ser pela Arte, precisa-se entendê-la como relato aberto, na medida em que promove a construção de narrativas, selecionando elementos para a formação de significados. Dessa maneira, converte-se ao conceito de Eudaimonia de Aristóteles, na proporção em que, reconsidera por ela mesma as resultantes dos elementos necessários para que se exista.

5 OLHARES ARISTOTÉLICOS PARA A ARTE EDUCAÇÃO DA ATUALIDADE

Já ciente que o pensamento de Aristóteles sobre Arte difere-se ao de Platão, isto nos dá conhecimento de que ao retomar o assunto Arte, um olhar majoritariamente particular se dará. Desse modo, para Aristóteles, as essências sobre a Arte não se encontram no mundo ideal, mas no mundo sensível. As propostas aristotélicas sobre o conhecimento são consideradas por três grupos: 1) Ciências teóricas – Têm por componente o saber e a verdade e se consolidam na matemática, na física e na metafísica. 2) Ciências práticas – Examinam as ações que, por elas mesmas, se ligam à *práxis*, a exemplo da ética, da política e da economia. 3) Ciências poéticas – As ciências poéticas têm por componente a criação de algo, a produção de uma obra, concretizando a passagem do ser em potência para o ser em ato. Elas atuam, portanto, com a noção de *poiésis*. Segundo Castro,

A palavra grega “**poíesis**”, que gerou a palavra portuguesa poesia, em sentido amplo não diz originariamente uma atividade cultural entre outras. Na e pela “**poíesis**” o próprio real se destina no homem para que este o realize numa plenitude que o próprio real por si não realiza. Na e pela “**poíesis**”, o próprio real se constitui como linguagem, mundo, verdade, sentido, tempo e história, em qualquer cultura. (CASTRO, 2009, p. 16)

Portanto, ao abordar as ciências poéticas em Aristóteles, percebe-se ser permitido uma concepção mais abrangente sobre a capacidade expressiva a partir da criação, o que coaduna com a própria etimologia da palavra *poiesis* que significa criar, fazer e construir. Nesse panorama, a experimentação dos conceitos Aristotélicos nos processos da Arte Educação na atualidade relaciona-se e conecta-se, na medida em que a aula de arte, para ser expressiva, precisa ter elementos estéticos de criação. Assim, vemos que uma aula de Arte potencializadora e alicerçada nos parâmetros aristotélicos, partem do princípio de que Arte é uma construção de dimensões transcendentais, compreendendo o fazer criativo às experiências pessoais, em que todo um sistema sensível de valores, crenças e culturas serão responsáveis pelo material estético.

A Arte Educação surge, pontualmente, a partir das inquietudes de professores que precisavam estabelecer sua própria identidade, dado que não estava claro as ações para o cotidiano da sala de aula (BARBOSA, 1978). Os desconfortos e as incertezas resultaram em discussões sobre o aprimoramento e a valorização do ensino de Arte. Após longos debates com associações e universidades, novas ideias e concepções fortaleceram-se no país – justamente aquelas que dialogam com os princípios aristotélicos –, uma orientação pedagógica do ensino de arte retomasse a integração do fazer artístico e a apreciação da obra de arte. Segundo Barbosa (1978, p.173), “Das discussões surgiu a necessidade do trabalho criativo”. Nesse sentido, o fazer, o expressar e o criar se tornam elementos indispensáveis para a Arte Educação da atualidade, preconizado pelos preceitos estabelecidos por Aristóteles.

Portanto, constata-se que a atuação do professor de Arte e sua ação no escopo da prática escolar orientado pelo ponto de vista eudaimônico, primeiramente, deve considerar a escola como um organismo vivo e dinâmico, articulado pelos processos culturais. Da mesma forma, deve provocar a experiência ativa do aluno por meio do criar, oportunizando o amadurecimento e o desenvolvimento do aluno, com trabalhos diversos e expressivos. E, por fim, considerar também, conscientemente, que as atividades criativas em Arte são processos constitutivos e formadores para a vida, e dessa forma, fundamentais e importantes para a plenitude do ser.

6 UMA EXPERIÊNCIA EUDAIMÔNICA NA ESCOLA

Separamos esta seção para comunicarmos sobre uma experiência vivenciada no espaço escolar em que as resultantes, além de terem sido significativas, legitimaram-se em vivência eudaimônica no processo de ensino e aprendizagem da Arte. Nesse cenário, ponderamos ser importante este compartilhar, haja vista, serem os educandos, os principais sujeitos desse processo educativo e, dessa forma, por colaborar na validação das relações entre os conceitos de Aristóteles relacionados com a Arte Educação. Outrossim, nos possibilitou discutir sobre essas práticas vivenciadas em sala de aula que provocaram um novo olhar sobre o que é considerado belo, incidindo assim, em um novo olhar sobre aquilo que vemos e contemplamos. Igualmente, essa vivência potencializou o pensar crítico e a autonomia em função dos resultados obtidos, transformando assim os sentidos da vida a partir de uma ação criativa: uma experiência eudaimônica.

Essa experiência aconteceu com alunos do 1º ano do Ensino Médio de uma escola particular do município de Volta Redonda/RJ. A escolhida foi a Escola Técnica Pandiá Calógeras – ETPC, da Companhia Siderúrgica Nacional – Usina Presidente Vargas¹. (Imagem 1).

Companhia Siderúrgica Nacional – Usina Presidente Vargas: a 1ª siderúrgica do Brasil.

¹ Para saber mais: http://www.csn.com.br/default_pti.asp?idioma=0&conta=45



Fonte: página da CSN – disponível em:
http://www.csn.com.br/conteudo_pti.asp?idioma=0&conta=45&tipo=60851

Localizada na região central da cidade, a Escola Técnica Pandiá Calógeras – ETPC (imagem 2), começou a sua trajetória educacional como uma Escola Profissional da Companhia Siderúrgica Nacional. Em meio a um ambiente envolto aos ares siderúrgicos, foi inaugurada no ano 1944 e, nesse contexto, surgiu da necessidade de formar mão-de-obra qualificada e técnica para o trabalho industrial.

Imagem 2: Escola Técnica Pandiá Calógeras - ETPC



Fonte: Página da Escola Técnica Pandiá Calógeras – ETPC
Disponível em: <https://etpc.com.br/a-etpc/>

Olhando por um primeiro ponto de vista, aparenta ser em embate entre o criar e o agir; entre o pensamento abstrato reflexivo e o concreto analítico. Porém, se olharmos com mais cuidado, reflete-se que essa divisão que separa as ideias é inconcebível se formos pensar a partir de um olhar aristotélico, dado que na medida em que alguém cria, este também age; e do mesmo modo em que alguém age, este

igualmente cria; ou seja, o mesmo que analisa reflete. Portanto, com essa perspectiva, pensou-se na realização de uma vivência que pudesse ser realmente significativa para o aluno.

A Escola é administrada pela Fundação CSN² e desenvolve suas atividades educacionais exclusivamente com o Ensino Médio e Ensino Técnico Profissionalizante. As áreas mais cursadas são Química, Eletromecânica; Eletrônica; Informática; Metalurgia; Mecânica; Telecomunicações; Administração; Segurança do Trabalho; Metalmeccânica; Meio Ambiente, Telemática, Higiene Dental e Siderurgia. Com poucas exceções, a maior parte dos alunos cursam as duas modalidades; sendo o Ensino Médio acontecendo na parte da manhã, e a modalidade Técnico Profissionalizante na parte da tarde. Apenas o 1º ano tem em sua grade curricular a aula de artes, desse modo, com três turmas de 1º ano, a possibilidade de um resultado plural e diversos é ampla, são cerca de 140 alunos.

Nesse sentido, para potencializarmos nossas aulas de artes com o propósito de alinharmos aos conceitos de Aristóteles, estabelecer um paralelo dentro da perspectiva criativa e transformadora se faz necessário. Levando em conta que a busca pela habilidade técnica está inserida no cotidiano do aluno, questionamos como legitimar um ensino de arte eficaz para essa realidade constituída por procedimentos sistematizados. Desse modo, as respostas iam em direção ao construir um ensino cingido de práticas dinâmicas, significativas, criativas, expressivas com intervenções possibilidades de novas intervenções e singulares ações criativas, fundamentais para se pensar em um aprendizado artístico em um espaço voltado ao ensino técnico. Em vista disso, vimos o *lôcus* da escola um ambiente favorável para desenvolver ações causadoras de efetivas experiências: um ensino de arte independente, democrático, autônomo e legítimo, o que está em consonância com o que destaca a professora Fernandes:

[...] a escola como ponto de partida torna-se uma questão teórico-metodológica que possibilita investir de maneira inovadora e que fornece condições de incluir toda uma série de novos personagens. (Apud FERNANDES, 2009, p.61).

Com isso, decidimos por desenvolver na escola, principalmente, duas linguagens de arte: as artes visuais e a música. As artes visuais seriam contempladas na medida em que fosse colocado em prática os conteúdos teóricos da disciplina; já a música seria inserida a partir da formação de um coral estudantil; foi assim que aconteceu: uma busca constante de uma educação eficaz:

Uma educação eficaz requer que o educador explore as tendências e os interesses para orientar o educador até o ápice em todas as matérias, sejam elas científicas, históricas ou artísticas. (WESTBROOK; TEIXEIRA, 2010, p. 17)

Com o passar do tempo, os saberes e os conceitos específicos formadores dos aspectos técnicos foram se misturando aos artísticos. Viu-se que com as aulas de artes ocorrendo de modo dinâmico e

² A fundação CSN foi criada em 1961 e é encarregada pela responsabilidade social das empresas do grupo CSN. Tem como objetivo consolidar a educação contribuindo para a transformação social nas comunidades em que está inserida. Para saber mais: <http://fundacaocsn.org.br/>

significativo (ver imagem 3 e 4), alguns paradigmas – principalmente aqueles de que “a arte não serve para nada” –, foram desaparecendo e novos referenciais foram se constituindo.

Imagem 3 - Aula de Artes na ETPC – momento do fazer em artes



Fonte: Arquivo do autor

Portanto, entendeu-se que foi necessário promover um tipo de processo de reintegração da devida natureza artística da escola que se havia perdido, ou que nunca tinham experimentado.

Imagem 4 - Aula de Artes na ETPC – momento da contemplação em artes



Fonte: Arquivo do autor

Com a prática musical o resultado também foi instigante e transformador. Desafios como timidez, apresentar-se em público e o expressar por meio da voz foram gradativamente sendo superados; os próprios alunos reuniam-se para se apresentarem nas salas de aulas dos colegas. (Imagem 5).

Imagem 5 – Alunos cantando na sala dos colegas



Fonte: Arquivo do autor

Desse trabalho com a música, nasceu a possibilidade de a escola ter uma representatividade fora dos muros da escola. Foi o que sucedeu, o Coral formado pelos alunos da ETPC começou a se apresentar em diferentes locais das cidades próximas. (Imagem 5 e 6).

Imagem 5 – Coral dos alunos da ETPC cantando no Sesc de Barra Mansa – RJ.



Fonte: Arquivo do autor



Fonte: Arquivo do autor

Olhando esse movimento em que as práticas deliberaram resultados em que os alunos repensaram a sua própria relação com a Arte, viu-se que as ações dinamizadas legitimaram as propensões dialógicas entre os conceitos técnicos e artísticos. Na ETPC, onde a sistematização técnica e profissionalizante assume o lugar do cotidiano, percebeu-se a flexibilização desses elementos pela Arte, pelos símbolos e signos culturalmente construídos artisticamente.

Dessa maneira, refletir o ensino de Arte a partir de práticas dinâmicas e criativas na escola, resulta em promover modos de “libertação” dos modelos dominantes constituídos, às vezes, em seu próprio espaço educacional. Nesse sentido, fortalecer a capacidade cognitiva de percepção valorativa dos elementos artísticos, é construir trajetórias autônomas contra as culturas dominantes que se ampliam mediante a interesses e estratégias centradas.

Do mesmo modo, a partir da percepção sobre o ainda atual preconceito estético em relação a obras que apontam os objetos artísticos serem belos ou feios, ao fazer relação conscientemente com os preceitos platônicos e aristotélico, vemos ser possível considerar a transformação do gosto como objeto legítimo de representação artística. Isso, porque uma revisitação analítica das obras referenciais do pensamento de ambos, respectivamente, ajudou aos alunos a compreenderem o que pode ser considerado arte, e por quê.

Deve-se, igualmente, destacar a relação professor-aluno que, fundamentada a partir do conceito reflexivo aristotélico, em que a aprendizagem da Arte ocorre em movimento constante pela sua peculiar dinâmica: o professor capaz de problematizar e elaborar hipóteses, isto, com a finalidade de se chegar, ou não, a algum resultado.

[...] mediante o enfrentamento de situações problemáticas que surgem no curso das atividades que merecem seu interesse. O pensamento constitui, para todos, instrumento destinado a resolver os

Levar um ensino de Arte para a sala de aula que colabore nas compreensões modelos sociais estabelecidos é promover uma “revolução” cultural significativa pelos elementos cognitivos. Conseqüentemente, compreender que a produção em Artes vale por si mesma, é reconhecer os preceitos validados por Aristóteles e promover a formação integral para a plenitude do ser. Igualmente, o que se reflete é que se faz necessário conhecer intervir nos processos para que se constituam um ensino de Arte imparcial e menos excludentes. Nesse contexto, superar os desafios e afirmar processos inovadores, buscando instrumentos para desenvolver um caminho a partir da Arte é considerar as potencialidades existentes nas práticas pedagógicas no processo de ensino e aprendizagem.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vive-se dias em que a nossa autonomia para criar passa por caminhos, quase sempre, orientados por instituições dominantes, que deliberam para cada indivíduo as normativas condutoras para que uma obra de arte seja bela e expressiva. Compreender o que propõe Aristóteles, por meio da concepção de Eudaimonia, nos leva a entender que a Arte se estabelecendo por si mesma, traz alegria de vida, gozo na alma e paz de espírito, isto é, uma Arte que vale por ela mesma.

Adentrando-se no âmago da história do pensamento reflexivo, passando por Platão e Aristóteles, propôs-se um estudo acerca dos porquês que fundamentam os critérios frequentemente defendidos para se basear em juízo a respeito de obra de arte.

Vimos que, para que esse processo se estabeleça, o fazer e o criar – instituições perenes da *poiésis* –, são fundamentais nessa trajetória. Atrelada a esse caminho, a experiência que a Arte produz promove abundante diálogo entre os elementos culturais entremeados no cerne da vida em sociedade. Da mesma forma, quando se direciona o olhar para o espaço escolar, encontra-se na Arte Educação, lugar profícuo para que a autonomia, as percepções e as sensibilizações sejam parte integrantes de uma aula de Arte democratizando.

Ao propor os elementos fundamentais e conceituais do ensino de Arte como uma possibilidade de afirmação da cultura no espaço escolar, considerando os conceitos aristotélicos como modo de conduta nessa trama, reflete-se que ressignificar as atitudes do professor de Arte enquanto as legitimações dos conhecimentos orientados pelos saberes que dominam e de interesses particulares se faz imediato e essencial.

Desse modo, é imprescindível que o processo ensino-aprendizagem em Arte considere outras reflexões como as dos diferentes filósofos que pensaram a estética na história da humanidade. Com isso, o professor deixará de ser apenas um “transmissor” de conhecimentos, mas será também um moderador, conciliando didaticamente as diferentes manifestações criativas que germinam no chão da sala de aula. Já o aluno deixará de ser um receptor de conteúdos e passará agente ativo e dinamizador das informações.

Por fim, sendo a arte uma expressão humana passível a receber diferentes olhares, compreender o belo a partir do conceito de Eudaimonia, é sinônimo de promover a beleza ideal, mesmo quando as imperfeições e as diferentes representações mostram um caminho ao contrário, isso porque, a partir da Eudaimonia a Arte basta por si mesma em seu processo de legitimação. Todo esse conjunto de elementos, buscam-se, incessantemente, uma única apropriação: ampliar o desenvolvimento do olhar artístico, a partir do fazer criativo, experiências efetivas e transcendentais que possam levar o ser humano a sua plenitude de vida.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, R. A. P. do; SILVA, D. A. e GOMES, L. I. A eudaimonía aristotélica: a felicidade como fim ético. In: **Revista Vozes dos Vales da UFVJM**. Número 1, Ano 1, 05/2012. Diamantina: Publicações Acadêmicas da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, maio/2012.
- ANTISERI, Dário; REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. São Paulo: Paulus, 1990
- BARBOSA, A. M. **Arte educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- CASTRO, Manuel Antônio de. "Apresentação". In: Manuel Antônio de Castro, (org.). **Arte: corpo, mundo e terra**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009, p. 12.
- CHAUI, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000
- DEWEY, John. **Arte como Experiência**. (Tradução de Vera Ribeiro) São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FARIA, M. B. **Aristóteles: a plenitude como horizonte do ser**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 1994. 136 p.
- FERNANDES, Iveta M. B. Ávila. **Música na escola: desafios e perspectivas na formação contínua de educadores da rede pública**. 2009. 349 páginas. Tese (Doutorado em Educação), Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2009.
- LOURDES, Stamato de Camillis. **Criação e docência em arte**. 1. ed. Araraquara: JM Editora, 2002.
- MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia – dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zaar Editor, 2007
- O' CONNELL, Mark; AIREY, Raje. O. **O Grande Livro dos Signos e Símbolos - Volume 1**. Tradução Débora Ginza. São Paulo: Editora Escala, 2010.
- PESSANHA, José Américo Motta. **Aristóteles: vida e obra**. In: ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Nova Cultural, 1987. Introdução, p. 7-17. (Coleção Os Pensadores).
- RUFINO, Emmanoel de Almeida. **O feio e seu estatuto de identidade artística entre Platão e Aristóteles**. Paraíba: IFPB, 2013.
- SANTORO, Fernando. **Aristóteles e a Arte Poética**. org. Rafael Haddock-Lobo. Os filósofos e a arte. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- VIEIRA, Márlon Souza. A Arte e o Belo: algumas reflexões a partir do pensamento de Platão. In: Simpósio de Estética e Filosofia da Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre/RS. **Anais do SEFiM - Interdisciplinar de Música, Filosofia e Educação**, V4. 2019. P. 253-254.
- WESTBROOK, Robert B.; TEIXEIRA, Anísio. **John Dewey**. (Educadores). José Eustáquio Romão, Verone Lane Rodrigues (org.). Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2010.